



## Vinicius e o Futebol: um soneto para Garrincha

Vinicius and the Football: a sonnet for Garrincha

Elcio Loureiro Cornelsen<sup>1</sup>

**Resumo:** Nossa contribuição visa à análise do poema “O anjo das pernas tortas” (1962), de Vinícius de Moraes, que tem por tema o futebol. Trata-se de um poema em homenagem a um dos maiores jogadores brasileiros de todos os tempos, Mané Garrincha. Pretendemos avaliar o modo como o poeta e compositor procede para traduzir a linguagem corporal do futebol em palavras.

**Palavras-chave:** Vinicius de Moraes, O anjo de pernas tortas, Garrincha, futebol e poesia, futebol e literatura.

**Abstract:** Our contribution aims at an analysis of the poem “O anjo das pernas tortas” (1962) by Vinícius de Moraes, that has the football as theme. It is a poem in honor of one of the greatest Brazilian players all the times, Mané Garrincha. We intend to evaluate how the poet and composer proceeds to translate the body language of football in words.

**Keywords:** Vinicius de Moraes, O anjo de pernas tortas, Garrincha, football and poetry, football and literature.

### 1. Futebol brasileiro: um “futebol de poesia”?

Em um artigo publicado em janeiro de 1971 no jornal *Il Giorno*, o famoso cineasta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975), num tom paródico diante de certo “academicismo”, esboçou uma tentativa de elaborar uma “semiologia do futebol”. No ensaio “Il calcio ´é un linguaggio com i suoi poeti e prosatori”, Pasolini estabelece as categorias de *calcio di prosa* (“futebol de prosa”) e *calcio di poesia* (“futebol de poesia”) para diferenciar esteticamente o futebol europeu, especialmente o italiano, do futebol praticado na América Latina, tendo por foco o futebol brasileiro. Tal “leitura” do futebol proposta por Pasolini foi estabelecida à luz da partida final do Mundial do México, que reuniu no Estádio Azteca a *Squadra Azzurra* e a Seleção Canarinho, no dia 21 de junho de 1970, quando o time de ouro sagrou-se Tri-Campeão mundial e inscreveu, definitivamente, na construção identitária a designação de “país do futebol”. A paixão de

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Germânicos pela Freie Universität Berlin, Alemanha; Professor Associado da Faculdade de Letras da UFMG, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG e, respectivamente, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da UFMG; é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, e do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG; é líder do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA), da Faculdade de Letras da UFMG.

Pasolini pelo futebol advinha da crença de que a cultura popular seria um terreno de luta política, e de que o futebol seria um elemento importante da cultura contemporânea. Além disso, tal paixão levou Pasolini a atribuir, de maneira original, ao futebol uma linguagem própria, definindo-a como um sistema de signos que possuiria todas as características fundamentais da linguagem falada-escrita (cf. CORNELSEN, 2006, p. 174-176).

Uma das características do “futebol de poesia” seria o drible, o momento de “subversão” que, assim como o gol, seria sua expressão por excelência: “Quem são os melhores dribladores do mundo e os melhores fazedores de gols? Os brasileiros. Portanto, o futebol deles é um futebol de poesia – e, de fato, está todo centrado no drible e no gol”, afirma Pasolini (2005, p. 5). Cabe lembrar que o caráter lúdico e a diversão sempre marcaram a relação do jogador brasileiro com a bola, caráter esse que parece estar desaparecendo frente ao senso coletivo que tolhe a individualidade técnica. Por isso, falarmos de “futebol de poesia”, hoje em dia, parece implicar um “olhar nostálgico”.

A seguir, analisaremos o poema “O anjo das pernas tortas” (1962), de Vinícius de Moraes, um dos principais textos da Literatura Brasileira sobre futebol e autêntico exemplo de “tradução” dessa “linguagem poética” de que nos fala Pasolini.

## **2. O “futebol de poesia” na Literatura Brasileira**

Na Literatura Brasileira, os primeiros poemas que têm por tema central o futebol remontam ainda ao tempo do futebol amador, na década de 1910, com destaque para “Match de football” (1916), de Apparício Torelly, sempre com uma marca de humor, revelado nos versos “O dia estava lindo. Havia gente em penca./O juiz apitou e começou a encrenca” (APPORELLY, 1916, p. 112), e “O salto” (1922), de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, no qual a escritora já utilizava a forma de soneto para enaltecer o desempenho de Marcos de Mendonça, o primeiro goleiro na história da seleção brasileira, que se tornou seu marido: “Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético./Serenos, forte, audaz como um vulto da Ilíada./Todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético./Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada” (MENDONÇA, 1922, p. 109).

Mas foi a partir dos anos 1940, já em franca fase de popularização do esporte bretão, que os escritores passaram a voltar sua atenção também para o futebol. Desde então, entre os escritores que dedicaram versos ao futebol, encontramos nomes como Carlos Drummond de Andrade (“Futebol”; “A Seleção”, “Aos atletas” etc.), Ferreira Gullar (“Gol”), Glauco Mattoso (“Soneto para o jogo bruto”), José Soares (“O futebol no inferno”), Vinícius de Moraes (“O anjo de pernas tortas”) e João Cabral de Melo Neto (“O torcedor do América F. C.”; “Ademir da Guia” etc.), entre outros.

Iniciaremos nossa análise da relação entre futebol e poesia com a interpretação do poema “O anjo de pernas tortas”, de Vinícius de Moraes, publicado em 1962 na obra *Para viver um grande amor*, o décimo-primeiro livro de poesias do escritor, que iniciara a carreira literária em 1933:

O anjo de pernas tortas

A um passe de Didi, Garrincha avança  
Colado o couro aos pés, o olhar atento  
Dribla um, dribla dois, depois descansa  
Como a medir o lance do momento.

Vem-lhe o pressentimento; ele se lança  
Mais rápido que o próprio pensamento,  
Dribla mais um, mais dois; a bola trança  
Feliz, entre seus pés – um pé de vento!

Num só transporte, a multidão contrita  
Em ato de morte se levanta e grita  
Seu unísono canto de esperança.

Garrincha, o anjo, escuta e atende: Gôooooo!  
É pura imagem: um G que chuta um O  
Dentro da meta, um L. É pura dança. (MORAES, 2010, p. 136)

Como ressalta Milton Pedrosa na obra *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira* (1967), trata-se de um poema em homenagem a Mané Garrincha, “inspirado na atuação de Manuel Francisco dos Santos (Garrincha) durante a luta pela conquista do bicampeonato mundial” (PEDROSA, 1967, p. 124), dedicado a Flávio Porto. Vinícius de Moraes, “um dos botafoguenses mais exaltados”, como bem ressalta Beto Xavier (2009, p. 139), publicou *Para viver um grande amor* alguns meses após o triunfo da seleção brasileira no Chile. Sem dúvida, o poema “O anjo de pernas tortas” dialoga com esse contexto. Com Pelé lesionado na segunda partida das oitavas de final, contra a Tchecoslováquia, que seria substituído por Amarildo pelo restante da competição, Garrincha se tornou o grande nome daquela Copa, sobretudo por suas atuações contra a

Inglaterra, o Chile e, novamente, a Tchecoslováquia (GEHRINGER, 2010, p. 161). A título de exemplo, em *El fútbol a sol y sombra*, o escritor uruguaio Eduardo Galeano sintetizou a atuação de Garrincha contra a seleção chilena na semifinal: “adelante Garrincha deliraba y hacia delirar. ‘¿De qué planeta procede Garrincha?’, se preguntaba el diario *El Mercurio*, mientras Brasil liquidaba a los dueños de casa” (GALEANO, 2010, p. 132). E seu desempenho naquela Copa faria com que fosse cantado e decantado em verso e em música. Assim como Vinícius de Moraes, que o homenageia com o poema “O anjo de pernas tortas”, o compositor Jacó do Bandolim dedicou um choro ao jogador após o triunfo da Seleção Brasileira no Chile, no qual tenta estabelecer uma linha melódica digna da “Ginga do Mané”, título da canção (XAVIER, 2009, p. 27).

Jogador fenomenal, que sairia do município de Pau Grande, na região de Magé, para os palcos do futebol brasileiro e mundial, Manuel Francisco dos Santos (1933-1983), o Garrincha, escreveu história no Botafogo, onde atuou de 1953 a 1965, e na Seleção Brasileira, de 1955 a 1966, marcando 12 gols em 50 jogos (KFOURI; COELHO, 2010, p. 138). Em crônica datada de 14 de março de 1959, publicada na *Manchete Esportiva*, Nelson Rodrigues ressaltava as habilidades do craque como algo fora de série: “Um Garrincha transcende todos os padrões de julgamento. Estou certo de que o próprio Juízo Final há de sentir-se incompetente para opinar sobre o nosso Mané” (RODRIGUES, 1994, p. 57). E Nilton Santos, o craque da Seleção e companheiro de Garrincha no Botafogo, também resalta a singularidade de Mané: “Que fenômeno foi esse? Só podia ser mesmo de outro planeta. Garrincha é um só. Não existe, não existiu, nem existirão dois” (SANTOS, 1998, p. 99).

Aliás, se Garrincha estava em plena forma naquele ano de 1962, Vinícius de Moraes não ficava atrás: seu nome consolidou-se como um dos expoentes da Bossa Nova. Além de iniciar a parceria com Baden Powell, da qual surgiram verdadeiras obras-primas da Música Popular Brasileira, como “Berimbau” e “Canto de Ossanha”, Vinícius de Moraes fez seu primeiro show com Tom Jobim e João Gilberto em agosto de 1962, pouco antes do lançamento de *Para viver um grande amor*, na boate Au Bon Gourmet, evento que teve grande repercussão à época. Como aponta Beto Xavier, Bossa Nova e futebol produziam seus craques à época: “Tom Jobim, João Gilberto e Vinícius de Moraes nos palcos da vida, assim como Pelé, Garrincha e Didi nos gramados” (XAVIER, 2009, p. 139). E o autor afirma categórico: “Todos eles estão na seleção de todos os tempos em suas artes e com coadjuvantes absolutamente diferenciados” (XAVIER, 2009, p. 141). Tida por Luiz Tatit como o “grau zero e grau dez da sonoridade brasileira” (TATIT, 2004,

p. 34), a Bossa Nova “atraiu Vinícius de Moraes, poeta diplomata que trocou a poesia pela letra e nunca mais deixou a canção” (TATIT, 2004, p. 51).

Retornando a “O anjo de pernas tortas”, em termos formais o poema apresenta forma fixa como soneto italiano, ou seja, contendo 14 versos distribuídos por 04 estrofes, sendo 02 quartetos e 02 tercetos. Predominam rimas cruzadas nas duas primeiras estrofes, com a estrutura abab-abab, enquanto os tercetos apresentam o esquema cca-dda que, de acordo com Glauco Mattoso, formariam o “soneto camoniano par” com quatro rimas, “de todos o mais belo e difícil” (MATTOSO, 2010, p. 192). Os versos do poema em homenagem a Garrincha são isométricos, predominando decassílabos nos quartetos e hendecassílabos nos tercetos.

Cabe ressaltar ainda que, dos 44 poemas que compõem a obra *Para viver um grande amor*, 09 apresentam a forma de soneto: “Não comerei da alface a verde pétala”, “Retrato de Maria Lúcia”, “O espectro da rosa”, “Soneto do amor como um rio”, “Soneto de Montevideú”, “Soneto da mulher ao sol”, “O verbo no infinito”, “Poética (II)” e “O anjo das pernas tortas”. Além disso, integram o livro 43 textos em prosa, sendo que um deles versa sobre o tema do futebol: a crônica “Canto de amor e de angústia à seleção de ouro do Brasil”, escrita após a partida da seleção brasileira contra a Espanha no dia 06 de junho de 1962, em que Vinicius de Moraes faz menção a Garrincha, destacando as habilidades do jogador como grande driblador e artilheiro, num texto em que a emoção é expressa como o próprio bombeamento sanguíneo do coração, alimentado pela vitória da Seleção, num momento extasiante do sujeito da enunciação que, sem ser refreado por qualquer pontuação, dá vazão ao seu sentimento:

[...] sabe Pelé eu nunca chamei ninguém de gênio porque acho besteira mas você eu chamo mesmo no duro você e o meu Garrincha que eu louvo a santa natureza lhe ter dado aquelas pernas tortas com que ele botou a Espanha entre parêntesis garoto bom passou o primeiro passou o segundo o terceiro o quarto chutou GOOOOOOOOOL DOOO BRAAAAASIL que beleza maior beleza não tem nem pode ter toda raça vibrando com uma dispnéia coletiva ah que vasoconstrição mais linda o sangue entrando verde pelo ventrículo direito e saindo amarelo pelo ventrículo esquerdo e se fundindo no corpo amoroso de pobres e ricos doentes de paixão pela pátria e até a revolução social em marcha pára maravilhada para ver “seu” Mané balançar o barbante [...] por favor poupem o

coração deste e de 70 milhões de poetas cuja vida pulsa em vossos artelhos enquanto vos dirigis para a vitória final inelutável com a ajuda de Nossa Senhora da Guia nosso pai Xangô e “seu” Mané Garrincha. Olé! (MORAES, 2010, p. 144)

Aquele confronto entre Brasil e Espanha deve ter sido memorável, com todos os ingredientes de emoção, que ganha vida no texto de Vinícius de Moraes. Outro que extravasou suas emoções após a partida, bem ao estilo hiperbólico, sua marca registrada, foi Nelson Rodrigues, que publicou a crônica “O ‘possesso’ é nosso” em 16 de junho de 1962, na revista *Fatos & Fotos*: “Ora, a batalha com os espanhóis teve todos os matadouros emocionais. Eis uma partida que pôs em cada coração uma fluorescente coroa de espinhos. Fomos, até o primeiro gol, 75 milhões de cristos” (RODRIGUES, 1994, p. 73). Naquela partida, Garrincha teria demonstrado ser “um maravilhoso ser incorpóreo” (RODRIGUES, 1994, p. 73).

Aliás, retornando à análise do poema, numa “Advertência” ao leitor, datada de setembro de 1962, e que antecede os textos que compõem *Para viver um grande amor*, Vinícius de Moraes define a obra como “coletânea de crônicas, se bem que mesclada a poemas de fato e de circunstância”, seu “primeiro livro de prosa” (MORAES, 2010, p. 207). E assim define o escritor o tema que as alinhava, bem como o motivo para integrar poemas e crônicas numa mesma obra: “[...] Há, para o leitor que se der ao trabalho de percorrê-las em sua integridade, uma unidade evidente que as enfeixa: a de um grande amor. [...] Os poemas [...] visam amenizar um pouco a prosa: dar-lhe, quem sabe, um ‘balanço’ novo” (MORAES, 2010, p. 207).

Se o tema do futebol não aparece com tanta frequência na obra poética de Vinícius de Moraes, a forma de soneto sempre foi uma presença constante na produção lírica desse escritor, fato esse que elevou seu nome ao hall dos grandes sonetistas da Literatura Brasileira, dentre eles Gregório de Matos Guerra, Claudio Manuel da Costa, Olavo Bilac, Alphonsus de Guimaraens, Cruz e Sousa, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Desde o primeiro livro de poesia do escritor, *O caminho para a distância* (Rio de Janeiro, Schmidt Editora, 1933), sonetos se fazem presentes em sua obra, como é o caso de “Revolta”, “Solidão” e “Judeu errante”, de um total de 39 poemas. O mesmo se repete no terceiro livro do escritor, *Novos poemas* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1938), em que figuram os seguintes sonetos: “Ária para o assovio”, texto de canção em forma de soneto, “Soneto à lua”, “Soneto de agosto”, “Soneto a Katherine Mansfield”, “Soneto de contrição”,

“Soneto de carta e mensagem”, “Soneto de devoção”, “Soneto de inspiração”, e “Soneto de intimidade”. São 09 sonetos de um total de 30 poemas.

Além dessas obras, outras duas se destacam pelo emprego do soneto como forma: *Poemas, sonetos e baladas* (São Paulo, Gaveta, 1946) e *Livro dos sonetos* (Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1957). Dos 48 poemas que compõem a obra *Poemas, sonetos e baladas*, 17 são sonetos, dentre os quais 09 foram escritos quando o escritor se encontrava na Inglaterra, nos anos de 1938 e 1939, estudando língua e literatura de língua inglesa na Universidade de Oxford. Outros datam de 1940 e 1941, escritos quando Vinícius de Moraes já havia regressado ao Rio de Janeiro.

Por sua vez, o *Livro de sonetos* é composto por 56 poemas, alguns deles publicados nas obras anteriores. Além disso, essa obra conta com uma introdução intitulada “O caminho para o soneto”, de Otto Lara Resende, que assim define os sonetos de Vinícius de Moraes: “Seus sonetos, longe de serem acadêmicos, isto é, frios, nati-mortos, são essencialmente modernos: respira a mesma naturalidade de suas melhores composições” (RESENDE, 1981, p. 15). E o fato de Vinícius de Moraes ter se dedicado à forma do soneto na referida obra é para Otto Lara Resende um indício de que “os sonetos, como certas aves, estimam andar em bando, juntos, para juntos enfrentarem os riscos de serem abatidos, quero dizer: de serem lidos, amados e decorados” (RESENDE, 1981, p. 17).

Quanto à métrica nos sonetos de Vinícius de Moraes, em geral, predominam os versos decassílabos, bem como versos em redondilha menor e em hexassílabos. Ao referir-se aos sonetos compostos pelo escritor desde 1933, Otto Lara Resende ressalta ainda que “metro e rima variam, porém, segundo as exigências do tema, ou segundo os caprichos do poeta, que é, no soneto ou fora dele, um malabarista que não recua diante do salto mortal” (RESENDE, 1981, p. 16). Portanto, ao levarmos em conta a presença do soneto como uma marca recorrente na obra do escritor, constatamos que, em termos formais, o poema “O anjo de pernas tortas” dialoga com o restante de sua obra.

Quanto ao tema, o poema expressa a idolatria de um mito: Garrincha, que se encontrava no auge da carreira quando Vinicius de Moraes compôs esse poema. O eu-lírico – quase à moda de um locutor – apresenta a fluidez da jogada, iniciada por Didi (i.e., Valdir Pereira, craque das Seleções de 1958 e 1962) e concluída em gol por Mané após driblar alguns adversários, para delírio da torcida. Enquanto a primeira, a segunda e a quarta estrofes têm por centro das atenções o jogador e o movimento da jogada, a terceira estrofe enfoca a torcida. Nos quartetos, a jogada evolui, atinge o ápice no

primeiro terceto com a multidão na arquibancada se levantando, gritando e cantando, e a cena culminando com o “gôooooo!” do “anjo”.

Por sua vez, a jogada se estabelece por dribles e paradas: “Dribla um, dribla dois, depois descansa/ Como a medir o lance do momento”; “Vem-lhe o pressentimento; ele se lança/ Mais rápido que o próprio pensamento,/ Dribla mais um, mais dois”. Sem dúvida, isso nos faz lembrar as imagens do jogador, parado diante de seus marcadores, para num movimento de corpo e de arranque, vencê-los, como aquelas imagens em preto e branco exibidas no filme *Garrincha, alegria do povo* (1963), de Joaquim Pedro de Andrade. Aliás, se o título desse documentário lançado em 1963 é uma alusão à cantata *Jesus, alegria dos homens*, de Bach, o anjo das pernas tortas faz a alegria das arquibancadas. É o anjo que escuta e atende às preces da torcida devota e fiel com o seu “canto de esperança”. Enfim, o poema de Vinícius de Moraes tenta dar conta, pela linguagem, da habilidade de Mané, um “anjo de pernas tortas”, um “anti-herói”, um “herói inviável”, como bem define o cineasta Oswaldo Caldeira (2005, p. 43). O poema também busca a “pura imagem”, a “pura dança” performática do jogador e da torcida.

#### **4. A título de conclusão: um soneto enquanto ginga, movimento e ritmo**

A partir de um procedimento interpretativo, procuramos estudar as especificidades do poema “O anjo de pernas tortas”, de Vinicius de Moraes em seus componentes formais e temáticos.

Em termos formais, o poema “O anjo de pernas tortas” apresenta forma fixa, de soneto, uma espécie de ode de louvor ao “anjo”, que simboliza a “alegria do povo”. As palavras procuram dar conta das fintas de Mané, enquanto ginga, movimento e ritmo.

Como não poderia deixar de ser, no poema de Vinicius, o gol é o momento máximo da realização da jogada-poesia. Isso vai ao encontro do pensamento de Pasolini, que assim definiu o gol em seu ensaio enquanto “momento exclusivamente poético”: “Cada gol é sempre uma invenção, uma subversão do código: cada gol é fatalidade, fulguração, espanto, irreversibilidade” (PASOLINI, 2005, p. 5).

Sem dúvida, o poema “O anjo de pernas tortas” se constitui, poética e esteticamente, numa tentativa do poeta de apresentar, plasticamente, o que seria o drible, o craque, a linha de passe, e o gol. O “eu-lírico” estabelece uma relação criativa entre linguagem e movimento corporal do futebol. É, pois, letra que se pretende imagem. E o poeta, ao seu modo, procura assumir para si a tarefa de elaborar a linguagem de tal forma a dar-lhe dinâmica de movimento através da não-linearidade, para não se tornar anti-poesia. É justamente essa não-linearidade que se torna princípio para que o “eu-lírico”



proponha lances magistrais enquanto linguagem. Afinal, numa expressão muito feliz de Hilário Franco Júnior, que Pasolini, certamente, aprovaria, “futebol é literatura gestual” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 382).

### **Bibliografia**

APPORELLY. **Match de foot-ball**. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Gol, 1967. p. 112.

CALDEIRA, Oswaldo. **Futebol, tema de filmes: ‘Garrincha, alegria do povo’ e ‘Canal 100’**. In: MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria (Org.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2005. p. 39-51.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. A ‘linguagem do futebol’ segundo Pasolini: ‘futebol de prosa’ e ‘futebol de poesia’. **Caligrama. Revista de Estudos Românicos**, Belo Horizonte, v. 11, p. 171-199, 2006.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. **El Mundial del 62**. In: GALEANO, Eduardo. **El fútbol a sol y sombra**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010. p. 130-132.

GEHRINGER, Max. **Almanaque dos Mundiais: os mais curiosos casos e histórias de 1930 a 2006**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2010.

KFOURI, André; COELHO, Paulo Vinícius. **Os 100 melhores jogadores brasileiros de todos os tempos**. São Paulo: PubliFolha, 2010.

MATTOSO, Glauco. **Tratado de versificação**. São Paulo: Annablume, 2010.

MENDONÇA, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de. **O salto**. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Gol, 1967. p. 109.

MORAES, Vinícius de. **Advertência**. In: MORAES, Vinícius de. **Para viver um grande amor**. org. Eucanaã Ferraz, São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 207.

MORAES, Vinícius de. **Canto de amor e de angústia à seleção de ouro do Brasil**. In: MORAES, Vinícius de. **Para viver um grande amor**. org. Eucanaã Ferraz, São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 144.

MORAES, Vinícius de. **O anjo de pernas tortas**. In: MORAES, Vinícius de. **Para viver um grande amor**. org. Eucanaã Ferraz, São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 136.

MORAES, Vinícius de. **O anjo de pernas tortas**. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Gol, 1967. p. 124.

PASOLINI, Pier Paolo. **Il calcio 'è' um linguaggio com i suoi poeti e prosatori**. In: PASOLINI, Pier Paolo. **Saggi sulla letteratura e sull'arte**. v. II, Milano: Meridiani Mondadori, 1999. p. 2545-2551.

PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

RESENDE, Otto Lara. **O caminho para o soneto**. In: MORAES, Vinícius. **Livro dos sonetos**. 12. ed., Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1981. p. 5-17.

RODRIGUES, Nelson. **A juba escanhoadada**. In: RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. org. Ruy Castro, São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 56-57.

RODRIGUES, Nelson. **O 'posseço' é nosso**. In: RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. org. Ruy Castro, São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 73-75.

SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

TATIT, Luiz. **A sonoridade brasileira**. In: TATIT, Luiz. **O século da canção**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004. p. 19-67.

XAVIER, Beto. **Futebol no país da música**. São Paulo: Panda Books, 2009.